

BOZON, Michel e HEILBORN, Maria Luiza. "As carícias e as palavras. Iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 59, março 2001.

AS CARÍCIAS E AS PALAVRAS INICIAÇÃO SEXUAL NO RIO DE JANEIRO E EM PARIS¹

Michel Bozon e Maria Luiza Heilborn

RESUMO

Trata-se de uma análise comparativa sobre trajetórias afetivo-sexuais de homens e mulheres de diferentes universos sociais presentes no Rio de Janeiro e em Paris. Examinam-se as representações acerca da primeira experiência amorosa, o desenvolvimento da primeira relação sexual e as classificações que os homens e as mulheres têm de seu primeiro parceiro e das pessoas do sexo oposto no momento de sua entrada na vida amorosa. A interação verbal e o contato corporal entre parceiros como ilustrativos da modelação cultural das emoções exprimem diferenças modalidades distintas de processos civilizatórios na França e no Brasil.

Palavras-chave: iniciação sexual; relações amorosas; Paris; Rio de Janeiro.

SUMMARY

Based on anthropological data, this article is a cross-cultural analysis of early sexual experience of men and women from different social settings in Rio de Janeiro and in Paris. The authors examine the representations of early love experience, the reports of first sexual intercourse and the ways men and women consider and classify first partners and persons of the other sex at the time of sexual initiation.. The specificities of sexual initiation in France and in Brazil are referred to differences in the style of body training, in the cultural modelling of emotions and in the construction of the limits of individuals, which point to distinctive types of civilizing processes.

Keywords: sexual initiation; loving relationships; Paris; Rio de Janeiro.

Em uma relação amorosa, os primeiros contatos são sempre um momento delicado. No Ocidente, o processo civilizatório, segundo a descrição de Norbert Elias, implementou fronteiras

¹ Este artigo foi originalmente publicado em *Terrain* (Paris, nº 27, setembro de 1996, pp. 37-58). A presente versão foi modificada e acrescida de novas referências bibliográficas.

entre os corpos, alargou o domínio íntimo dos indivíduos e censurou a espontaneidade. Transpor as barreiras erguidas ao redor dos indivíduos não é tarefa fácil. Em um trabalho sobre idosos em Paris e no Rio de Janeiro, Clarice Peixoto, observando formas de “puxar papo” em locais públicos, constatou uma atitude reservada entre os habitantes de Paris e uma atitude inversa entre os do Rio:

Na França é raro falar com desconhecidos e não os encaramos [...]. Não se pode entrar em contato com o corpo do interlocutor, uma vez que há regras bastante restritas no que concerne ao toque: os contatos físicos se restringem ao nível privado [...]. No modo de vida brasileiro [...] é o inverso: fala-se, encara-se e toca-se o desconhecido².

Esse uso menos contido dos corpos no Brasil, que os faz mais permeáveis ao contato, produz um estilo extrovertido de prática amorosa, com maior contato físico. Será que a modernização dos costumes seguiria, no contraste aqui proposto entre França e Brasil, um curso diferente do processo, descrito por Elias, de autocontrole, de interiorização dos constrangimentos e de dilatação do eu? Descrever como os constrangimentos sociais atuam sobre sujeitos menos interiorizados é uma das metas deste artigo.

Essas questões são examinadas aqui a partir da análise da iniciação amorosa observada no Rio de Janeiro e confrontada com observações feitas em Paris. A análise está centrada no Brasil, servindo o estilo de vida francês urbano de guia de leitura e de contraponto. A expressão dos sentimentos, na medida em que é apreendida cotidianamente, resulta de uma construção social que determina seus contornos. As sensações afetivas vivenciadas pelos sujeitos resultam de marcas sociais que exprimem o sentido geral de uma cultura. O amor, aqui, é considerado menos sob o ângulo da ideologia amorosa do que como configuração de regras, gestos, comportamentos e manifestação de sentimentos (tal qual apontava Malinowski em 1929³): formas de aproximação entre homens e mulheres, tipos de relação e de vínculos autorizados (flerte, relações ocasionais sem compromisso, casal formal ou informal), atividade dos corpos expressa nas práticas sexuais. A atenção que continua sendo dada à virgindade feminina, por exemplo, faz parte da configuração do amor no Brasil, tanto quanto a aparente espontaneidade no contato entre os corpos.

² Peixoto, Clarice. “Les modes d’appellation dans les lieux publics. Une comparaison entre la France et le Brésil”. *Ethnologie Française*, nº 4, 1995, pp. 559-568.

³ Malinowski, Bronislaw. *A vida sexual dos selvagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1929], 1983.

A virtude de uma comparação a partir de dados não quantitativos é trazer à tona os processos que permanecem invisíveis aos analistas que trabalham sobre sua própria sociedade⁴, os quais podem considerá-los banais⁵. O estatuto do toque e dos contatos corporais no início de um relacionamento no Brasil raramente é analisado por antropólogos brasileiros⁶. Inversamente, a importância extrema das palavras e dos contatos verbais no estabelecimento de uma relação amorosa na França é percebida por um sociólogo francês apenas no contraste com as observações feitas sobre um outro país.

Realizamos uma pesquisa a partir de entrevistas utilizando o mesmo protocolo no Rio de Janeiro e em Paris: homens e mulheres entre 25 e 40 anos⁷ foram entrevistados sobre o desenrolar de suas vidas amorosa e sexual. As entrevistas francesas foram realizadas em Paris e em seus subúrbios, e no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Na França não foi feita inicialmente nenhuma recomendação sobre a classe social dos entrevistados: a maioria pertence às camadas médias e altas. No Brasil, duas amostras bastante distintas foram solicitadas: membros das camadas médias e uma amostra de moradores de favelas. Na França foram realizadas oitenta entrevistas, entre 1993 e 1995, e no Brasil, 45, em 1994 e 1995. Seleccionamos doze entrevistas de cada país (seis mulheres e seis homens), levando em consideração a qualidade (roteiro bem seguido, boa qualidade da reconstituição biográfica) e

⁴ Os autores, até o momento, trabalharam sobretudo sobre sua própria sociedade. Michel Bozon realizou pesquisas sobre a formação de casais e a sexualidade na França, a partir de dados quantitativos. Maria Luiza Heilborn empreendeu estudos sobre conjugalidade heterossexual e homossexual no Brasil. Este artigo limita-se a relações heterossexuais. Outros autores fizeram pesquisas comparativas sobre relações homossexuais (cf. Mendes-Leite, Rommel. “Le sida et la (re)construction de l’imaginaire social des sexualités. Approche qualitative auprès de la population masculine à pratiques homosexuelles: une recherche comparée France-Brésil”. In: Bajos, Nalalie e outros (eds.). *Sexualité et sida. Recherches en sciences sociales*. Paris: ANRS, 1995, pp. 293-298).

⁵ Jean-Claude Kaufmann (*Corps de femmes, regards d’hommes. Sociologie des seins nus*. Paris: Nathan, 1995) analisou de forma admirável a complexidade do processo de “banalização” dos comportamentos, que nos faz “ver sem ver”, a propósito da gestão do olhar na sociedade francesa.

⁶ Leal, Ondina. (org.). *Corpo e significado. Ensaio de antropologia social*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995; Schuch, Patrice. *Carícias, olhares e palavras: uma etnografia sobre o “ficar” entre jovens universitários de Porto Alegre*. Porto Alegre: dissertação de mestrado em Antropologia Social, UFRGS, 1998.

⁷ As pessoas que têm 40 anos e as de 25 não pertencem à mesma geração. No entanto, segundo pesquisas quantitativas sobre o comportamento sexual (Bozon, Michel. “L’entrée dans la sexualité adulte. Le premier rapport et ses suites”. *Population*, nº 5, 1993, pp. 1.317-1.352; Caraël, Michael. “La mesure de l’activité sexuelle dans les pays en développement”. In: Bajos e outros (orgs.), op. cit., pp. 57-80), a idade na primeira relação sexual mudou pouco entre uma geração e outra. Em contrapartida, o acesso à contracepção tornou-se mais fácil, especialmente no Brasil.

escolhendo sujeitos comparáveis, ao menos parcialmente, de um país e outro, seja por suas características sociais, seja por sua biografia amorosa.

A comparação França–Brasil deve considerar que os dois países são bastante distintos. O Brasil apresenta-se como uma sociedade muito hierarquizada, onde a família e as relações pessoais constituem um valor e uma instituição estruturantes, em que as posições sociais e os papéis de gênero são estritamente marcados. Grandes contrastes socioeconômicos também estão presentes. Em razão da heterogeneidade também do ponto de vista cultural, optou-se por selecionar entrevistados apenas do Rio de Janeiro, que é considerado uma metrópole de vanguarda no que tange à liberalização dos costumes⁸. A diversidade entre as camadas sociais é muito mais acentuada do que na França, em virtude de um acesso desigual à educação e de diferenças de renda consideráveis. Em sua forma tradicional, a sociedade brasileira constitui-se como uma totalidade hierarquizada que define espaços e posições distintos para homens e mulheres, brancos e negros, pobres e ricos⁹. O Brasil tem sido freqüentemente analisado a partir do denominado “complexo cultural mediterrâneo”¹⁰, em razão da ênfase ao valor da família e à noção de honra, da demarcação rígida de papéis de gênero e do controle sobre a conduta das mulheres. Nesse modelo hierárquico, o masculino é identificado com a dominação e a atividade sexual e se opõe ao feminino, à submissão e à passividade sexual¹¹.

Nas três últimas décadas, porém, mudanças profundas ocorreram no modo de vida das camadas médias brasileiras, às quais pertence a maior parte dos entrevistados. O aumento da taxa de atividade das mulheres, as mudanças na família em virtude da queda da fecundidade e a legalização do divórcio alteraram o quadro das relações de gênero. Nas camadas médias difundiu-se uma ideologia igualitária que ensejou o aparecimento de um modelo mais simétrico de casal, tanto heterossexual quanto homossexual¹². A França é uma sociedade socialmente menos diferenciada, onde o ideário individualista faz que os laços familiares e de amizade atuem de maneira mais indireta sobre os indivíduos¹³, sem imputar fortes constrangimentos¹⁴.

⁸ Cf. Heilborn, Maria Luiza. “Corpos na cidade: sedução e sexualidade”. In: Velho, Gilberto. *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, pp. 98-108.

⁹ Da Matta, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

¹⁰ Cf. Peristiany, John. *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1971.

¹¹ Cf. Parker, Richard. *Corpos, prazeres e paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

¹² Cf. Heilborn, Maria Luiza. “Homosexualité masculine, homosexualité féminine au Brésil”. In: Ephesia, *La place des femmes. Les enjeux de l’identité et de l’égalité au regard des sciences sociales*. Paris: La Découverte, 1995, pp. 290-295.

¹³ Cf. De Singly, François. *Libres ensemble. L’individualisme dans la vie commune*. Paris: Nathan, 2000; Peixoto Clarice, De Singly, François e Cichelli, Vincenzo. *Família e individualização*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

Neste artigo são examinadas de início as representações da primeira experiência amorosa; em seguida analisam-se o desenvolvimento e o significado da primeira relação sexual; por fim, aborda-se a representação que homens e mulheres têm de seu primeiro parceiro e das pessoas do sexo oposto no momento de sua entrada na vida amorosa.

A primeira experiência amorosa

A entrevista tinha início com a seguinte questão: “Você poderia nos falar sobre a sua primeira experiência amorosa?”. Propositamente ambígua, a pergunta permitia aos entrevistados reagir livremente, a partir de suas próprias representações. As respostas são reveladoras da divergência de concepções e realidades vividas no amor.

Sentimental ou sexual?

No Rio e em Paris, as mulheres nunca citam em primeiro lugar uma experiência que tenha tido caráter apenas sexual. Elas perguntam com frequência aos entrevistadores em que sentido se entende “experiência amorosa”. Isso não significa que elas hesitem pessoalmente sobre esse ponto, mas antes que procuram uma confirmação de sua interpretação “sentimental” do amor. Uma entrevistada brasileira reformulou a questão, perguntando se era *“aquela vez que gostou mesmo da pessoa”* (Tânia, vendedora, 26 anos). As respostas indicam que a primeira experiência amorosa é muito mais do que uma “experiência” no sentido restrito. Na França fala-se do primeiro amor, de ter encontrado “o homem da sua vida”, de relações muito românticas; as brasileiras das camadas médias descrevem seu primeiro namoro. A primeira experiência amorosa é geralmente uma relação em que as mulheres se sentem muito envolvidas, na medida em que anuncia um possível distanciamento da família de origem. A reflexão retrospectiva que fazem sobre elas mesmas a partir da entrevista pode fazer surgir um ponto de vista crítico sobre a maneira como encaravam essa primeira relação na época, agora considerada ingênua. O fato de a experiência sexual propriamente dita não aparecer jamais em

¹⁴ É importante ressaltar que as pesquisas foram realizadas em grandes metrópoles e que no Brasil, em particular, as tendências que aparecem na análise não podem ser estendidas ao país. Nosso ponto de vista, mediante o exame dos contrastes, consiste em fazer emergir os processos de construção das emoções e dos sentimentos amorosos em cada um dos contextos. Ele não substitui os estudos aprofundados de cada país, que analisam as diferenças internas.

primeiro plano significa que ela é considerada uma consequência da consolidação do vínculo amoroso.

A atitude dos homens em face da questão é menos uniforme. Alguns citam espontaneamente uma experiência “puramente sexual”, mas esse não é o caso mais freqüente. Muitas vezes os homens se perguntam sobre o sentido da “experiência amorosa”, mas de uma forma bem diferente das mulheres: consideram a dimensão sexual e a amorosa pertencentes a realidades bem distintas, de modo que se impõe uma escolha sobre de qual se vai falar: *“Minha primeira experiência amorosa? Sexual ou amorosa? As duas são muito diferentes, não são as mesmas”* (Thomas, estudante, 27 anos). Os homens não ignoram nem os sentimentos amorosos nem as decepções que eles podem provocar, mas mantêm separadas a ordem dos sentimentos e a ordem da sexualidade, que correspondem a duas aprendizagens distintas. A tendência a considerar a sexualidade e o sentimento duas realidades separadas, que apenas temporariamente pode-se aspirar reunir, é uma atitude dominante entre os homens, tanto no Brasil quanto na França.

A maior parte das pesquisas qualitativas e quantitativas demonstra essa dicotomia entre as representações masculinas e femininas da vida amorosa, que surge a partir da entrada na sexualidade adulta¹⁵. Isso não impede que na maioria dos países da Europa homens e mulheres tenham sua primeira relação mais ou menos na mesma idade¹⁶. Já nos países do Sul da Europa e no Brasil a iniciação feminina é mais tardia que a masculina¹⁷.

O namoro brasileiro e a relação casta¹⁸ francesa

Entre as mulheres brasileiras das camadas médias, o primeiro namoro sério é considerado a primeira experiência amorosa. O namoro adolescente, às vezes traduzido como flerte, é uma

¹⁵ Apostolidis, Themis. “Pratiques ‘sexuelles’ versus pratiques ‘amoureuses’: fragments sur la division socioculturelle du comportement sexuel”. *Sociétés* (“Sexualités et sida”), n^o 39 1993, pp. 39-43; Bozon, op. cit.; De Singly, François. “Le vizir et le sultan ou les deux amours”. In: Bajos e outros (orgs.), op. cit., pp. 159-181.

¹⁶ Wellings, Kaye e Bradshaw, Sally “First intercourse between men and women”. In: Johnson, Ann e outros (orgs.). *Sexual attitudes and lifestyles*. Oxford: Blackwell, 1994, pp. 68-109; Traeen, Bente, Lewin, Bo e Sundet, John. “The real and the ideal. Gender differences in heterosexual behaviour among Norwegian adolescents”. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, n^o 2, 1992, pp. 227-237; Bozon, Michel e Kontula, Osmo. “Sexual initiation and gender in Europe. A cross-cultural analysis of secular trends”. In: Bajos, Natalie, Hubert, Michel e Sandfort, Theo (orgs.). *Aids and sexual behaviour in Europe*. Londres: Taylor and Francis, 1996.

¹⁷ Caraël, op. cit.; Bemfam. *Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde 1996*. Rio de Janeiro, 1997.

¹⁸ Em francês, “*fréquentation chaste*”.

relação de exclusividade entre dois namorados que podem permanecer um longo tempo sem relação sexual. Em sua forma tradicional, o namoro começava em torno de 12 a 14 anos entre as meninas e um pouco mais tarde entre os meninos; o casal que se formava então visava uma relação durável ou um casamento¹⁹. A socialização da diáde permitia avaliar a compatibilidade entre parceiros. No início dos anos 1960, o ideal para as mulheres era casar com o primeiro namorado, aquele que lhes garantiria o atributo moral da pureza, na medida em que o contato com outros homens que não o marido tinha sido evitado. Essa forma de aproximação entre os sexos era fortemente controlada pela família da menina, que mobilizava particularmente os irmãos para exercer intensa vigilância sobre a conduta das moças, uma vez que a honra familiar estava em jogo.

Assim, as mulheres de mais de 30 anos mencionam namoros que duraram muitos anos, sem relação sexual. Muitos homens e mulheres entrevistados narraram que a autorização dos pais da moça era necessária para começar um namoro: o namorado estava então autorizado a “namorar em casa”. No modelo tradicional do namoro, o homem estabelece a relação e depois faz propostas que a mulher deve recusar, pois não conhece as pretensões dele. Resistência da mulher e insistência do homem fazem parte do regime ideal das relações de gêneros. A mulher deve saber julgar em que momentos pode conceder maior intimidade corporal. Contraponto da honra, a vergonha é uma permanente ameaça²⁰. Assim, Denise (fonoaudióloga, 28 anos) declara sobre um namoro aos 19 anos: *“O primeiro cara que encostou a mão nos meus seios... fiquei morrendo de vergonha depois pra encarar ele. Ah, será que eu fui muito fácil?”*. Com o tempo, os contatos corporais tornam-se mais íntimos e avançados, já que é preciso manter o interesse do homem em prosseguir na relação, mas é a (preservação da) virgindade, no sentido da recusa da penetração vaginal, o ponto central da negociação. Natália (professora primária, 35 anos), apesar de ter se recusado sempre a ter relações sexuais com seu primeiro namorado, mantinha contatos bastante íntimos com ele: *“Só uma vez a gente ficou nu. Já tinha um tempo, quase no final do namoro. Eu comecei a ficar com pena dele: ele queria tanto transar comigo...”*.

Se o namoro continua existindo nas gerações mais jovens como relação de exclusividade entre pessoas que se gostam, a pressão dos homens no sentido de atingir o mais rápido possível o estágio da relação sexual (vaginal) é experimentada por todas as mulheres. Tânia (26 anos) declara: *“Dois anos depois [do início do namoro] é que a gente teve a primeira transa. Dois anos e meio pra ele me convencer [risos]. Ele conseguiu”*. Essa crescente insistência masculina

¹⁹ Azevedo, Thales. “Namoro à antiga: tradição e mudança”. In: Velho, Gilberto e Figueira, Sérvulo (orgs.). *Família, psicologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Campus, 1981, pp. 219-276.

²⁰ Duarte, Luiz Fernando. “Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas”. In: Leite Lopes, José Sérgio (ed.). *Cultura e identidade operária*. São Paulo: Marco Zero/Præd, 1987; Fonseca, Cláudia. “Honra, humor e

indica uma crise desse modelo de relação: a “sexualização” mais rápida do namoro faz que as mulheres percam uma parte de seu poder advindo da resistência em ceder. Nos anos 1980 apareceu uma nova forma de relação denominada “ficar”²¹. Trata-se de um encontro que se estabelece geralmente em um espaço público (festa, discoteca), e a atração pode dar lugar a um contato corporal imediato, com beijos e carícias (até mesmo mais), sem que isso implique qualquer compromisso entre os parceiros. Essa forma de relação contrasta fortemente com o namoro.

Na França, uma forma similar de relação pré-matrimonial casta, prolongada e estável era o modelo para as mulheres nos anos 1950 e em grande parte da década de 1960. Desde os anos 1970 esse modelo praticamente desapareceu. Contudo, se ainda persistem relações que as mulheres qualificam como amorosas, mas sem atividade sexual, estas situam-se no início da adolescência e tendem a ser muito breves. Na segunda metade da adolescência (a partir de 17 ou 18 anos), para as mulheres a sexualidade é um horizonte imediato, desde que haja uma relação contínua²²: do sentimento amoroso decorre naturalmente uma sexualização da relação, que contribui para consolidar um laço sentimental. Assim, uma entrevistada do meio operário, Gisèle (auxiliar de enfermagem, 32 anos), apaixonada aos 17 anos por um homem de 22, diz apreciar muito a seriedade da relação que se estabeleceu, que ela atribui ao caráter progressivo da passagem à sexualidade: “*Ele não me atropelou*”. Os encontros antes da primeira relação duraram, entretanto, poucos meses. O bom desenrolar do início da relação é importante para o julgamento positivo da experiência amorosa. É um modelo que difere do namoro brasileiro; na França esse estágio corresponde a uma entrada mais precoce na sexualidade. Relações sexuais se apresentam como um meio de esboçar e aprofundar uma relação incipiente, sem ansiar ou exigir um vínculo durável²³.

A aprendizagem amorosa

No Rio, como em Paris, a pergunta sobre a primeira experiência amorosa deixa os homens bastante perplexos. Eles sentem que devem decidir entre o sentimental e o sexual, mas alguns não conseguem fazê-lo. Um jovem francês menciona sua primeira experiência amorosa com uma colega da escola e sua primeira experiência sexual, aos 15 anos, com uma mulher mais

relações de gênero: um estudo de caso”. In: Costa, Albertina e Bruschini, Cristina (eds.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, pp. 310-333.

²¹ Cf. Schuch, op. cit.

²² Cf. Bozon, Michel. “La nouvelle place de la sexualité dans la constitution du couple”. *Sciences sociales et santé*, nº 4, 1991, pp. 69-88.

²³ Cf. Lagrange, Hughes e Lhomond, Brigitte. *L'entrée dans la sexualité. Le comportement des jeunes dans le contexte du sida*. Paris: La Découverte, 1997.

velha: “*Eu estava loucamente apaixonado [pela menina da escola], ela certamente menos, o que eu podia fazer? Eu saí de férias e tive nesse momento minha primeira experiência sexual [com uma outra]*” (Frédéric, jornalista, 36 anos). Nos relatos masculinos sobre a primeira experiência amorosa, a noção de fracasso aparece com frequência desde o início, como incapacidade de se fazer reconhecido sentimentalmente pela parceira — “*Era unilateral, quer dizer, eu era o único apaixonado e ela não, evidentemente*” (Patrice, executivo, 25 anos) —, incapacidade de transformar uma relação estável em uma relação sexual (sobretudo no Brasil), incapacidade técnica de ir até o fim na primeira relação. Nesse sentido, as narrativas dos homens sobre a aprendizagem, a aquisição de experiência, referem-se a uma iniciação pessoal ativa, marcada por erros, fracassos e passos adiante. Já a narração das mulheres sobre sua primeira experiência amorosa é mais simples e geralmente mais positiva: trata-se de um discurso sobre uma relação que se situa na fronteira entre o sonho adolescente (príncipe encantado) e a realidade adulta pretendida (primeiro par).

A noção de primeira experiência amorosa, da forma como é compreendida pelos sujeitos, revela muito mais uma diferença de gênero do que uma diferença entre culturas. Deter-se sobre a primeira relação sexual como uma situação mais delimitada e identificável, e menos subjetiva, faz aparecer conteúdos contrastantes entre duas sociedades.

A “primeira vez”, uma passagem difícil

A primeira vez não se esquece²⁴... Analisando os relatos dos parisienses e dos cariocas, nota-se que o desenrolar e as funções dessa passagem não têm caráter universal. A perda da virgindade continua sendo objeto de atenção para as brasileiras. A primeira relação é vista como uma iniciação para os homens, na França e no Brasil. As formas de aproximação do primeiro parceiro diferem sensivelmente nos dois países.

Tornar-se um homem

Entre os homens do meio popular a iniciação sexual é um limiar esperado, porém temido. Comparamos duas descrições da primeira relação feitas por um francês e um brasileiro, ambos jovens de 17 anos, de meio modesto, fortemente ligados a seus pares, que têm a primeira relação depois de uma festa, sem investimento afetivo:

²⁴ Cf. Bozon, “L’entrée dans la sexualité adulte...”, loc. cit.

Sébastien (garçom, 34 anos, primeira experiência sexual em torno de 17 anos num albergue para jovens no Calvados)²⁵:

Quinta à noite sempre tinha festa no albergue. E então encontrei uma garota. Foi uma confusão depois, porque as meninas dormem no térreo e nós, os meninos, no primeiro andar; a gente tinha que descer a escada para chegar nos quartos delas. O problema era o peão que ficava lá. Então partimos, ao todo quatro de nós, porque três amigos tinham namoradas embaixo. A gente desceu devagar, a gente tinha uma senha. Abrem a porta, mais ou menos uma da manhã, e foi dada a partida. Aí, tensão, você se diz que agora tem que fazer. Então, você tenta conversar, faz um carinho, faz outra coisa, e pouco a pouco tenta se convencer que no final das contas a pessoa que está na sua frente precisa tanto quanto você, mas você não quer se precipitar. Você tenta, você já ouviu como as coisas se passavam, seus pais explicaram e tudo o mais. Sem ser brusco, eis a história. Não se pode ser brusco, porque vocês, garotas, são muito sentimentais, então não devem ser assustadas desde o início [dirige-se à entrevistadora] porque senão depois é uma catástrofe. E depois foi fácil, porque a gente estava com muita vontade, todos os dois. E depois era bom, bem, era rápido. A gente teve que retomar várias vezes, para compreender bem o sistema. [...] A primeira experiência foi engraçada, foi linda, gentil, terna, foi agradável.

Entrevistadora: Você achou divertido?

É verdade, é engraçado. Você se diverte no ato sexual em si, nas preliminares. Eu digo que é engraçado porque me diverti tentando fazer cócegas nela, eu procurava as zonas erógenas, que depois conheci iniciando... Ela já tinha tido uma relação antes, então ela conhecia. Eu me dizia: "Atenção, tenho que conseguir". Verdade, você se diz, se não conseguir vou parecer um babaca, vou mandar mal com os amigos. Isto porque, de fato, você se sente culpado. Não devo fazer isso, tenho que pegar leve, é o sistema, ora.

Entrevistadora: E porque os amigos sabiam?

No dia seguinte a gente conta pros amigos. No dia seguinte todo mundo já sabia: "Cara, valeu, eu sou um homem agora". A gente contava tudo para os amigos, a gente se conta sempre tudo; é como vocês, garotas [dirigindo-se à entrevistadora], vocês se contam tudo. É lógico. É necessário a gente confiar em alguém. Eu não posso entrar na casa de minha mãe e dizer: "Pronto, mamãe". Minha mãe, ela soube, mas talvez um ano depois.

João Manoel (economista desempregado, 28 anos, primeira experiência sexual com 17 anos num baile funk no Rio):

Eu estava num baile funk com uns colegas. Por acaso encontrei uma menina que tava dançando e tinha um corpo bonito. A cara dela lembrava um pouco um travesti. Na hora eu

²⁵ Trecho de entrevista traduzido por Helena Bocayuva.

estava meio doido, já tinha tomado umas cervejas, e cismeí: “Vou pegar essa mulher”... E eu encarei, fui lá, troquei uma idéia e a mulher ficou comigo... a gente ficou se arrochando o baile todo, beijando, essa troca fervorosa. A gente ia pra parede, rolava um sarro, eu roçava nela, de repente um beijo no pescoço, na orelha, aquela coisa bem lancinante. Mas eu ficava olhando para as outras pessoas, porque eu tava com a pulga atrás da orelha: “Pô, será que é um travesti? Como é que eu vou tirar essa dúvida? Bom, só posso tirar essa dúvida na hora, né? Vou encarar”. Aí terminou o baile e a gente saiu. Foi numa época que eu estava sem dinheiro, e nas estações de barcas, perto de uma praiazinha, a gente ficou lá, naquela troca de amassos, e a gente teve uma relação, quer dizer, na hora. Tá certo, aquele local não era o mais apropriado [risos], mas era o que dava. Na hora eu me senti superbem e tudo. Aí, depois eu falei com um colega meu: “Pô, aí, fiz de tudo com a mulher”. Depois de um certo tempo pensei: “Eu não fiz nada”.

Entrevistadora: E o que você fez?

Primeiro começou com um beijo, um amasso, peguei os peitinhos dela, chupei os peitinhos dela, depois rolou um sexo oral e finalizando o coito propriamente dito. Mas não sei, depois eu fiquei pensando bem, não foi aquela relação legal, as condições não foram das mais apropriadas, sabe? Eu fiquei temeroso de fazer um vexame e foi uma coisa rápida também. Questão de minutos. Parecia séculos...

Entrevistadora: O que você estava esperando?

Tava esperando explosões, estrelas passando, constelações... aquela coisa maravilhosa. Mas primeiro que a mulher... a gente não falava nada, eu também tava um pouco mudo, a não ser por aquelas expressões, assim, chulas... “Tesão, gostosinha, vou fazer”... Era só sacanagem mesmo, mas eu queria uma coisa mais profunda.

Nos dois exemplos a dança facilita o contato: permite uma descoberta prévia do parceiro à distância e logo uma aproximação, que se realiza sem um grande esforço verbal. Nota-se em ambos os casos uma excitação particular ligada à conquista, percebida como uma aventura. O brasileiro vai à caça de uma mulher misteriosa (*“a cara dela lembrava um pouco um travesti”*) e quer verificar se ela é realmente uma mulher. O francês deve driblar a vigilância da instituição e apresentar uma senha para ter acesso à mulher. Há uma ansiedade quanto ao desenrolar técnico da relação. Um tem medo do “vexame” e o outro tem medo “de falhar”. Um assinala que a relação foi muito curta e o outro que foram necessárias várias tentativas. Enfim, o resultado da aventura é necessária e imediatamente comunicado aos pares e dá lugar a um novo *status*: *“fiz de tudo com a mulher”*, diz um, e o outro conta a seus colegas que *“agora é um homem”*. O acontecimento é apresentado e vivenciado nos dois casos como um rito de iniciação.

Um exame mais atento, no entanto, revela diferenças. No discurso brasileiro os contatos corporais e os atos físicos do ato sexual são descritos espontaneamente e sem rodeios. No relato francês, aliás muito detalhado em relação aos outros entrevistados de que dispomos, a atividade dos corpos é evocada apenas de forma eufemística e indireta.

Se em outra ocasião havíamos indicado que na maior parte das pesquisas qualitativas sobre sexualidade no âmbito europeu a atividade sexual era raramente mencionada²⁶, tal não parece se aplicar aos relatos brasileiros. A entrevista de João Manoel testemunha uma verbalização bastante fluente da atividade física entre os parceiros. O investimento dos corpos tem uma importância relativamente maior no estabelecimento da relação: o jovem carioca estabelece contato corporal imediato com a parceira, em público, após ter trocado apenas algumas palavras. A relação sexual propriamente dita desenvolve-se imediatamente depois em um local público-privado (estação das barcas), sem trocas verbais além das palavras utilizadas durante a relação. O jovem francês acredita que o momento mais difícil é aquele em que se encontra a sós com a moça no silêncio do quarto e deve conversar com ela sem saber até onde pode ir: *“Isso torna-se um pouco estressante porque você se pergunta o que fazer. Então você tenta conversar”*. A mediação da linguagem tem como efeito retardar a progressão em direção ao ato sexual: o entrevistado interiorizou a idéia de que é preciso “ir devagar”, não “ser brusco”, sob pena de “catástrofe”.

Nesses dois exemplos-limite de relações “de uma noite”, com características bastante comparáveis, as diferenças do *modus operandi* são evidentes. Na aproximação verbal, o ator procura mostrar, falando, que sabe se controlar, respeitando uma progressão. Na aproximação física há também uma progressão em relação ao ato sexual, mas ela é regulada, sem chegar a ser enunciada, por uma gradação bem sincronizada de contatos físicos cada vez mais avançados, desde a troca de olhares até a relação propriamente dita.

A prostituta, a empregada doméstica, a “iniciadora”

Certos homens mencionam uma dificuldade de passar ao ato, apesar de seu desejo, com pessoas próximas na idade ou na condição social. A dissociação entre iniciação sentimental e iniciação amorosa tende, então, a aumentar. Assim, dois entrevistados, Thomas (27 anos) e Luiz Fernando (25 anos), ambos estudantes atualmente, têm em comum certas experiências e atitudes: não se relacionam com seus pares, e as primeiras relações são com prostitutas e/ou empregadas domésticas. Para qualificar a iniciação, os dois empregam o mesmo termo, “necessidade sexual”, que não é uma categoria aventada por todos os homens. Depois de

²⁶ Bozon, Michel. “Observer l’inobservable: la description et l’analyse de l’activité sexuelle”. In: Bajos e outros (eds.). *Sexualité et sida*, loc. cit., pp. 39-56, p. 41.

tentativas infrutíferas com jovens da mesma idade, por volta de 14 anos, ambos procuram parceiras de um estrato social totalmente diferente. Thomas, francês, declara: *“Eu conheci Lucile e nada aconteceu, e acabei me desvirginando com uma prostituta aos 15 anos”*. Como seus recursos financeiros pessoais são limitados, pouco depois de sua “desvirginção” ele deu início à sedução de uma faxineira portuguesa. O empreendimento foi conduzido de maneira sistemática: *“Eu tinha entre 15 e 16 anos. A gente tinha uma faxineira, uma jovem portuguesa que devia ter 18 ou 19 anos, que era muito bonita e... foi assim! Eu a desejava, propus, ela disse várias vezes não, e um dia aceitou”*. O carioca Luiz Fernando, por sua vez, conta a conquista da empregada doméstica dos vizinhos, que ia à casa dele visitar sua empregada. Os contatos físicos diretos estão logo presentes e muito mais explícitos que no caso francês: *“Aí naquele eu comecei a passar as mãos nas coxas dela. Ela era gostosinha mesmo, muito gostosinha... Eu devia ter 14 e ela, 22, 23... Foi muito fácil, porque ela era meio atirada, e me achava um garotinho muito bonitinho. Como ela dava mole, eu também jogava, dava umas apertadas. Então, de aperto pra cá, não sei quê pra lá, pintou essa oportunidade...”*.

Luiz Fernando manteve essa relação por oito anos, paralelamente a outras relações amorosas em geral bastante breves; quanto a Thomas, teve apenas algumas relações sexuais com a portuguesa, que retornou ao seu país de origem. Conscientes da distância social que os separa de suas parceiras e as desqualifica como relações amorosas ou companheiras eventuais, os dois jovens acentuam as características corporais dessas mulheres, mais que suas identidades sociais. Luiz Fernando declara: *“Era só carne ali pra mim. Só sexo”*. Ambos assinalam a beleza delas nas primeiras palavras, mas Thomas nunca cita o nome da moça, ao passo que sua memória registrou precisamente todos os nomes de todas as outras mulheres e meninas que ele conheceu, enquanto Luiz Fernando diz o nome apenas com a insistência do entrevistador.

Nas relações estruturadas a partir de uma distância de classe opera uma lógica social particular, retendo como aspecto positivo dos contatos com o “outro social” a lembrança dos bons momentos e do divertimento. Convidado a comparar suas experiências com a prostituta e a faxineira, Thomas assinala que a relação foi muito melhor com a segunda: *“Foi muito melhor, ela colocou sentimento. Ela fez por prazer, então foi diferente. Eu não precisava pagá-la, e eu a desejava, ela me desejava, era muito mais excitante”*. Ambos sublinham com insistência o desejo da parceira, como se não fosse admissível para um homem, mesmo em uma posição de dominação social, obter relações sem o desejo da mulher. As fantasias e a excitação ligadas à situação, assinaladas da mesma forma por Luiz Fernando, indicam que esse tipo de relação pertence aos cenários culturais, ou aos “roteiros sexuais”, de uma sociedade²⁷: a situação de dominação social, que facilita a sedução, é aqui sem dúvida um dos componentes da excitação masculina.

²⁷ Cf. Gagnon, John. e Simon, William. *Sexual conduct. The social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine, 1973.

Outros homens têm sua iniciação sexual com mulheres mais velhas ou mais experientes, sobre as quais não exercem dominação social. O caso é estatisticamente freqüente na França²⁸. Essa situação corresponderia a uma maneira específica de viver a iniciação sexual? Dois parisienses, Frédéric (36 anos) e Marc (estudante de sociologia, 27 anos), viveram essa experiência em períodos de férias. A aprendizagem sexual se fez, assim, no contexto de uma relação breve e sem continuidade. O primeiro encontrou, aos 15 anos, em uma cidade de praia, uma estudante universitária que tomava conta dos filhos de seu tio, dez anos mais velha que ele. Foi ela quem tomou a iniciativa, numa ocasião em que as crianças estavam ausentes: *“Foi muito mais uma experiência [do que um encontro amoroso]. Para ela, porque era certamente divertido encontrar um jovem virgem. E para mim, ficar com alguém bem mais velha era muito interessante”*. Ele às vezes se declara impressionado (*“Foi certamente uma grande aventura”*) e às vezes bastante tranqüilo (*“Por outro lado, eu não tinha medo porque sabia que ela estava a par de como as coisas tinham que acontecer”*). Marc, que teve sua primeira relação com uma amiga dois anos mais velha, salienta que ela não era mais virgem — *“felizmente, porque senão eu acredito que não teria gostado dessa experiência. Ela me ajudou muito”*. Se essa hierarquia de papéis é aceita facilmente, é porque os dois sabiam que a relação não duraria. A experiência da mulher libera o homem da responsabilidade e da ansiedade de ser o iniciador.

O carioca Sérgio (técnico em informática, 26 anos) também relata uma iniciação sexual com uma mulher mais experiente, ainda que da mesma idade. A diferença em relação aos exemplos franceses é que uma relação durável de namoro estava para se estabelecer entre os dois (e durou alguns anos). O fato de ela não ser mais virgem não é vivido de forma positiva e altera visivelmente, segundo ele, o desenrolar da relação, conduzindo-o a qualificá-la como “sexual” mais que “amorosa”: *“A minha primeira experiência foi muito boa, não pelo fato de ser a primeira transa, mas porque eu fiz com alguém que eu sentia paixão. Nós começamos a namorar num dia da semana, e antes de terminar essa semana a gente já tinha ido pra cama”*. O entrevistado acabara de mencionar um primeiro relacionamento, somente sentimental: *“Começou lindo, mas por alguns motivos passou a ser só o sexo. Essa menina não era mais virgem e já tinha passado até por um aborto. Eu, totalmente inexperiente, estava tendo um relacionamento com uma mulher que já tinha passado até por um aborto!”*. Não ter sido o iniciador priva, implicitamente, o homem do papel masculino-ativo-dominante na relação. No Brasil, a preservação/perda da virgindade permanece um significante central no sistema de representações acerca do gênero feminino.

Preservar-se

²⁸ Cf. Bozon, “L’entrée dans la sexualité adulte...”, loc. cit.

As entrevistas cariocas, tanto de homens quanto de mulheres, sugerem uma clara evolução das atitudes em relação à virgindade feminina; esta, porém, continua a ser objeto de atenção social no Brasil, enquanto a primeira relação sexual das mulheres na França não é mais do que um evento privado, um momento de sua trajetória individual.

Na cultura mediterrânea, a partir da qual se pode compreender o Brasil, a preservação da honra da família passa tradicionalmente pela preservação da virgindade das moças antes do casamento. O controle parental visa prevenir uma possível desonra. A virgindade é, em si, um valor mais social do que moral. O depoimento de Maria (faxineira, 26 anos) sobre a perda de sua virgindade aos 12 anos em uma favela ilustra bem o contexto tradicional. Sua “desonra” se remete a três elementos: vergonha, sentimento de fracasso e medo. A vergonha decorre da difusão imediata da informação na comunidade local (por intermédio do jovem sedutor), que tem o efeito de enquadrá-la na categoria das “meninas fáceis”. Esse cenário esclarece a expressão empregada: *“Eu me perdi”*. O sentimento de fracasso está ligado ao fato de ter sido logo abandonada por seu namorado, uma vez que ela acreditava que ele *“ia ficar com ela e assumir”*. E seu medo não é de estar grávida, mas de ser espancada e rejeitada por seu pai e sua família: ela foge de sua casa e volta apenas muitos meses depois.

A atitude tradicional quanto à virgindade também pode ser encontrada nos meios sociais mais abastados, mas com conseqüências diferentes, como testemunha o depoimento de Denise (28 anos), jovem de classe média que se iniciou sexualmente aos 22 anos. Ela insiste na atitude de seu pai nordestino que a impede de namorar por muito tempo por conservadorismo, mas fazendo uso de argumentos “modernos”: a necessidade que ela conclua seus estudos, por exemplo. Ela ressalta sua crença muito forte de que haveria uma mudança no comportamento de sua família se ela perdesse a virgindade, estando convencida de que eles seriam capazes de perceber. Afirma ter sido marcada pelas ressalvas que sua mãe, ex-dona de papelaria, fazia sobre as moças: *“Ela dizia assim: ‘Fulana, senta desse jeito, já não é mais virgem’. Sabe? ‘Fulana anda desse jeito... Olha o jeito daquela ali... é provocante, não é mais virgem’*”. Essa conjuntura familiar provoca nela um “bloqueio” sobre a questão da virgindade, que reforça as experiências, observadas ao redor dela, de amigas que foram obrigadas a casar com o primeiro namorado porque ficaram grávidas.

O controle dos pais sobre suas filhas é redobrado com as expectativas e a vigilância dos namorados ou futuros namorados, que querem ser os primeiros. Assim, Natália (35 anos) declara que seu primeiro namorado, mais velho que ela, sentia-se orgulhoso com sua virgindade e mesmo com sua recusa em ceder. A regra é namorar apenas mulheres sérias: uma das formas de controlá-las e impedir que tenham namoros suplementares é encontrá-las na casa dos pais, reduzindo parte das saídas comuns. Hoje em dia tal comportamento é considerado “conservador”.

O enfraquecimento do modelo tradicional da virgindade não levou a uma transformação total. A decisão de preservá-la (ou não) é cada vez mais efeito de uma estratégia feminina e de um

cálculo decorrente de uma regra de prudência, mais do que de respeito por um valor social ou moral. Preservar a virgindade é preservar o futuro, estando a prudência ligada a dois fenômenos.

Os depoimentos dos entrevistados demonstraram, em primeiro lugar, conhecimentos escassos da maioria sobre o corpo e a sexualidade, aos quais se acrescentam dificuldade de acesso aos métodos contraceptivos e pouca informação. A dificuldade em abordar esses temas com os pais é extrema. Um indicador desse desconhecimento é a forma como é vivenciada a primeira menstruação. Muitas mulheres relatam seu medo de terem se cortado ou ferido, o que indica não ter recebido informações de sua mãe sobre o evento. Tudo se passa como se para as mulheres mais velhas a preservação da pureza feminina estivesse ligada a uma ausência de conhecimento mais preciso sobre o corpo. Nessa situação de incerteza, algumas mulheres temem fortemente as conseqüências da relação sexual e procuram não antecipá-las.

A prudência feminina também é explicável pelo desejo de não se ligar precocemente ao primeiro namorado. Não “se entregar” a ele é manter a possibilidade de interromper o namoro sem conseqüências e ter novo parceiro. É reservar-se uma margem de negociação e guardar um poder sobre o homem. A decisão de ter uma primeira relação sexual, depois de um tempo mais longo ou mais curto de namoro, é difícil de ser tomada e tem sempre um valor de compromisso: a perda da virgindade não está banalizada. Assim, Tânia (26 anos), depois de sua primeira relação sexual com seu namorado, aos 18 anos, declarou que se sentia “perdida”, perguntando-se *“o que foi que eu fiz”*: *“Você perdeu a virgindade e não é nem casada nem nada... Há oito anos isso era mais forte. Até agora mesmo para qualquer mulher é uma coisa superimportante, a primeira vez. A primeira transa mesmo, você não é mais virgem, porque há o rompimento do hímen”*.

A redução do valor social intrínseco à virgindade feminina no Brasil não fez desaparecer a importância que as mulheres lhe concedem nem a atenção que os homens lhe dedicam. Segundo recentes pesquisas quantitativas, a idade média das mulheres na primeira relação sexual não se modificou sensivelmente nas últimas duas décadas no Rio de Janeiro, e sete entre dez casos ocorreram no início da primeira união²⁹. O fato de ter ocorrido, em segmentos das gerações mais jovens, uma verdadeira inversão em relação ao pressuposto tradicional — e algumas entrevistadas manifestam sentir hoje em dia uma pressão social em favor da não-*virgindade* — tem sentido apenas em grupos específicos.

O valor tradicional da virgindade feminina não implica erguer barreiras entre os corpos, como seria o caso em um contexto mais puritano ou reservado. Nos encontros pré-conjugais, múltiplos contatos corporais acontecem: apenas a penetração vaginal é proibida (ou retardada). Virgindade não é, portanto, ausência de contatos sexuais. Além das carícias e da masturbação, podem acontecer relações orais e inclusive penetração anal. O vocabulário brasileiro é recheado de termos para designar várias nuances de carícias (“arrochar”,

²⁹ Cf. Caraël, op. cit.; Bemfam, op. cit.

“amassar”) em comparação com aquele disponível na França. O tabu da virgindade, longe de restringir os contatos, propicia o desenvolvimento de um código de aproximação física: o grau de intimidade nos contatos assinala a progressão da relação.

Uma decisão privada

Na França, a virgindade das mulheres no momento do casamento ou no início de uma união não mais corresponde a uma expectativa social controlada e valorizada pela comunidade. No entanto, há não muito tempo tratava-se de uma norma: em 1959, segundo pesquisa sobre a escolha do cônjuge³⁰, 72% dos franceses entrevistados consideravam importante que “a mulher se guardasse até o casamento”. Trinta anos mais tarde, um calendário mais tardio de formação de casais, a diminuição do número de casamentos e a difusão da contracepção desde as primeiras relações criaram condições para a redução da idade da primeira relação sexual e contribuíram para o desaparecimento da sincronidade entre as primeiras relações sexuais e a formação de casal³¹. O termo “virgindade” jamais é empregado e não mais designa um bem a ser preservado.

Assim, a primeira relação sexual de uma mulher na França é vivenciada de forma bastante diferente do Brasil. Não há dificuldades de acesso à informação sobre contracepção, e o tema pode ser abordado entre mãe e filha. Gisèle (32 anos), dois meses depois de encontrar seu primeiro namorado sério, optou pela pílula, sob recomendação de seu médico e depois de ter conversado com sua mãe. Ela se preparou para uma relação que ocorreria cinco meses mais tarde, porque quando estavam juntos “[as carícias] começavam a ir muito longe”, e se decidiu porque “sentia que seria alguma coisa mais que um flerte, que cedo ou tarde teria progressos”. A primeira relação foi bem vivida: “Eu tinha 17 anos, mas ele tinha experiência. Tudo se passou bem, a gente não tinha medo que ninguém atrapalhasse, não estávamos incomodados. Eu tenho uma boa lembrança”.

A primeira relação serve para tecer um relacionamento. Uma variação dessa representação é a virgindade como dádiva oferecida a um homem em uma troca amorosa e destinada a alimentar a troca. Assim, Justine (vendedora, 24 anos) teve sua primeira relação sexual no seu primeiro relacionamento sério, apenas dois meses depois de ter conhecido o rapaz. Era um momento com o qual ela havia sonhado anteriormente. Oferecendo-se para ele, mais experiente e quatro anos mais velho que ela, acredita que “alguma coisa se criou” e que “a partir daquele momento ele me respeitou muito”. Ela considera “ter descoberto o amor” ao longo de uma relação de um ano. Menos interessada em formar um casal propriamente dito do que viver uma história

³⁰ Girard, Alain. *Le choix du conjoint. Une enquête psychosociologique en France*. Paris: PUF/Ined, 1964.

romântica com a qual sonhava, ela utilizou a dádiva (o dom) como isca para uma história de amor. Há assim uma grande diferença em relação às entrevistadas brasileiras: a rapidez com a qual as primeiras relações sexuais sobrevêm no relacionamento.

Existe uma outra visão acerca da virgindade na qual esta é fortemente desvalorizada, como um fardo do qual é preciso se livrar. Essa representação começa a aparecer no Brasil. O exemplo de Eléonore (estilista, 26 anos) ilustra bem esta maneira de viver a virgindade como uma desvantagem. Decepcionada depois de uma história de amor platônica, ela resolveu “*chutar o balde*” para não ser considerada “*retardada*”, buscando entrar na categoria das mulheres com quem se pode ter relação. Uma amiga sua procura um iniciador para ela, mais velho: eles têm uma relação mas ela não experimenta nem desejo nem prazer. Ela declara que esse evento faz parte das coisas que ela “*esquece*”, que “*não viveu*”, exprimindo assim a vergonha de ter “*dormido com qualquer um*” para se livrar de sua inexperiência inconfessável, e não ter sido capaz de ter uma verdadeira experiência amorosa. Seu depoimento ilustra a dificuldade para uma mulher pretender viver a primeira relação sexual como uma simples operação técnica, sem a menor implicação afetiva.

Embora a perda da virgindade não mais seja um risco moral ou social na França, a maneira como as mulheres vivem essa passagem continua a diferir fortemente daquela dos homens. Enquanto para elas a primeira relação sexual é freqüentemente um momento decisivo (e inicial) na construção do primeiro relacionamento, para eles trata-se de um momento de iniciação pessoal no qual a relação com a parceira conta menos.

O discurso das mulheres sobre a virgindade e a primeira relação sinaliza os contrastes na construção da pessoa e nas relações de gênero no Brasil e na França. No primeiro caso observa-se a ação de uma moral relacional na qual a experiência individual está sempre submetida à avaliação do grupo e à preeminência das considerações sociais. A mulher existe como pessoa por meio da apreensão de sua conduta pelos outros: a virgindade continua a ser um bem social. No segundo caso existe uma moral que se aplica a seres singulares e que concebe as relações entre os sexos em um contexto individualista. Mesmo que as mulheres na França acentuem, mais do que os homens, o laço afetivo, essa visão mais relacional (comparação com os homens) não significa um retorno a um modo de estruturação tradicional das relações entre os gêneros, como no Brasil; trata-se de uma característica diferencial do gênero feminino, em um contexto mais simétrico das relações entre os gêneros³².

Avaliação da primeira experiência

³¹ Bozon, “L’entrée dans la sexualité adulte...”, loc. cit.

Nos relatos sobre a “primeira vez” há, freqüentemente, julgamentos. Mais do que características anedóticas das relações, esses julgamentos revelam, ao mesmo tempo, expectativas e cenários culturais prévios e uma avaliação da experiência sexual vivida em face daquelas expectativas. Vários elementos são levados em consideração pelos sujeitos: a experiência de seu parceiro, a história e o devir da relação, apreciados retrospectivamente, o contexto dessa relação, seu desenrolar sob o ângulo técnico, o conteúdo sentimental da relação...

As primeiras relações sexuais tecnicamente mal-sucedidas, por falta de ereção do homem (Marc) ou por reticência da mulher à penetração no último minuto (Denise), são avaliadas como fracasso. Contudo o fracasso não impede os atores de considerar que esta experiência foi de fato uma primeira vez, na medida em que decidiram que assim o seria. A escolha do contexto conta bastante: Denise e seu namorado foram a um motel; Marc está de férias na praia e recebe uma amiga em seu apartamento. A intenção, materializada em parte pela escolha do local, pesa mais do que a realização.

Na França, observa-se que inúmeras primeiras relações acontecem em um contexto de férias. Em uma pesquisa qualitativa sobre o comportamento sexual dos jovens³³, 63% dos entrevistados dizem ter tido sua primeira relação sexual nas férias, e as entrevistas francesas aqui utilizadas corroboram esse resultado. Já nas entrevistas realizadas no Rio não aparece qualquer ligação entre férias e entrada na sexualidade adulta. Na França pode-se falar em um verdadeiro cenário cultural, inscrito em um contexto de organização sazonal da vida cotidiana³⁴. As férias representam um pólo de liberdade, de renovação do meio de sociabilidade e de relaxamento dos constrangimentos normativos que criam as condições favoráveis para uma primeira passagem ao ato: o tempo e o local de férias passaram a ser, na França, um elemento do *script* da iniciação sexual.

Dentre os elementos que contribuem para uma avaliação positiva da iniciação sexual, a “experiência” do parceiro é com freqüência mencionada pelas mulheres, na França e no Brasil. Um parceiro é considerado experiente quando é mais velho e já deu início à sua aprendizagem sexual. Inúmeros valores são associados a essa situação: do homem experiente elas esperam que as ajude a atravessar essa passagem delicada, sendo seguro de si e carinhoso, atencioso, paciente. A inexperiência dos pares, em contrapartida, é estigmatizada e pouco desejada. As mulheres procuram evitar situações “igualitárias”: o homem é quem deve ser o iniciador em matéria de sexo, segundo elas.

Na França e no Brasil, os homens não têm necessariamente a mesma apreciação em relação à “experiência” que as mulheres, no momento da primeira relação sexual. O fato de a primeira

³² Heilborn, Maria Luiza. “Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada”. *Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, n^o 1, 1993.

³³ Lagrange e Lhomond, op. cit.

³⁴ Cf. Besnard, Philippe. *Moeurs et humeurs des Français au fil des saisons*. Paris: Fayard, 1989.

parceira não ser novata é uma situação muito mais apreciada pelos franceses, enquanto alguns brasileiros consideram com desconfiança a “experiência” de sua parceira, pelo que essa revela de seu passado.

A história do relacionamento com o primeiro parceiro é um dos elementos que mais intervêm na avaliação das mulheres acerca de sua primeira experiência sexual: uma boa primeira relação é a concretização de um vínculo amoroso que se desenvolveu gradualmente e que terá um seguimento. Ao contrário, a iniciação limitada a uma relação sexual, sem elo estável nem antes nem depois, é uma experiência considerada detestável e que se prefere esquecer. As cariocas sonham com o mesmo processo, mas para elas a primeira relação sexual acontece, em geral, no meio de um relacionamento que tem um reconhecimento social informal (o namoro). Ao contrário das mulheres, os homens encontram-se divididos. Alguns se sentem bem em viver sua iniciação sexual em uma relação sem futuro. Mas outros, tanto no Brasil quanto na França, sonham em conhecer, por meio da sexualidade, uma verdadeira iniciação sentimental.

Primeiro relacionamento: distâncias, contatos, mal-entendidos

Ainda que a maioria das mulheres espere “o homem de sua vida”, os homens não estão preparados para viver uma relação. A distância entre as expectativas produzidas pelos roteiros de gênero é espantosamente grande.

O homem dos sonhos... e depois

Na França, a maioria das mulheres vive sua adolescência à espera de um homem que as iniciará no amor e será seu cônjuge, que elas chamam de “homem da sua vida”. A essa pessoa elas freqüentemente atribuem traços físicos ou características sociais e morais precisos. Tendo ou não uma representação substancial do homem esperado, sempre vivem com a idéia de que vão encontrar o homem que lhes foi destinado. Essa espera pode estar atrelada ao mito do príncipe encantado evocado por Karine (secretária, 28 anos), que lia muitos romances na adolescência (*“Eu era uma verdadeira pateta, não sabia nada. Eu lia romances, é sempre muito platônico, utópico, príncipe encantado chegando em seu cavalo, me beijando”*), ou às regras de uma educação tradicional que prescreve que uma mulher deve conhecer apenas um homem. Independentemente da forma como seja produzida, essa representação está fortemente interiorizada pelas mulheres. Eléonore (26 anos) declara: *“Eu acreditava nisso, completamente: um amor louco, para toda a vida”*. Nesta lógica, a iniciação sexual não é possível sem um

compromisso sentimental, que é a ante-sala da formação do casal, como assinala Florence (40 anos): *“Eu precisava, para ter uma relação sexual com alguém, de uma relação afetiva profunda, de me sentir segura, de me sentir serena com essa pessoa”*. No Brasil, esse “homem dos sonhos” é considerado o (primeiro) namorado sério. Essa concepção do “homem da sua vida” corresponde, para as mulheres, a uma representação do amadurecimento pessoal e da construção de uma identidade adulta que prescinde da mediação de um (só) homem.

Há algumas décadas se produz na trajetória amorosa das mulheres uma ruptura com a idéia de um “homem de sua vida”, e isso acontece cada vez mais cedo. O transtorno não se limita a um desencantamento em relação ao primeiro parceiro ou ao primeiro amor (ruptura com um homem), implicando de modo mais geral a rejeição de toda a representação anterior do desenrolar da vida feminina (negação da idéia de homem mediador). Essa ruptura pode acontecer na primeira adolescência, antes de qualquer relação sexual. O fim de um flerte ardente pode levar a um novo arranjo dos sonhos. Nathalie (gerente de loja, 29 anos) relata que aos 14 anos teve de deixar de ver um jovem de 18, sob pressão de seus pais: *“Eu estava apaixonada. Eu sonhava estar casada com ele, com filhos. E depois acho que meus sonhos se quebraram quando meus pais interromperam aquela relação”*. Eléonore, ao ver, aos 18 anos, que o homem por quem ela estava ardente e platonicamente apaixonada havia muitos anos “não a esperou”, exprime uma decepção e sente suas certezas vacilarem: *“No seu barco, ele chegou com uma mulher. Eu tive a impressão de cair de um precipício... Eu havia construído minha própria história e ele nunca havia dito que me esperaria... Ele nunca concebeu essa relação como eu a via”*. Que o homem escolhido e amado não preencha os requisitos abala, para a mulher, a idéia de que existe um homem de sua vida *a priori*: a iniciação sexual é vivida mais tarde de forma muito menos “romântica”.

Certas mulheres descrevem as dificuldades particulares que vivenciaram no momento do rompimento com o primeiro parceiro sexual. Justine, que ficou um ano com seu primeiro amor, teve dificuldade em aceitar o término da relação, ainda que tenha sido dela a idéia de romper. *“Eu não parei de dizer que o amava. Eu fazia uma certa encenação; como nos filmes, as mulheres são apaixonadas, elas os amam... Fazia o estilo romântica. Eu fiquei apaixonada durante dois ou três meses talvez, e em um determinado momento eu disse a mim mesma: ‘Acho que você não o ama mais’. Mas me dava muito medo pensar nisso porque para mim era o homem da minha vida”*. Gisèle ainda se pergunta, depois de quinze anos, por que seu primeiro namorado, com quem ela pensava em viver um dia, decidiu romper. *“Talvez ele tenha tido medo de constituir uma família... Acho que ele não queria se envolver... Depois ele conheceu a minha família, e eu a dele. Talvez para ele tenha sido muito brusco tudo isso”*. Se o rompimento é assim tão difícil, é porque é preciso renunciar não apenas ao parceiro, mas também a um desenrolar da vida que havia sido imaginado. As mulheres sugerem ter tido, nesse momento, atitudes “pseudomasculinas” para se vingar dos homens: “levá-los na conversa”, ter relações sem desejo. A desidealização da estréia amorosa jamais chegou,

entretanto, a uma renúncia definitiva à busca de uma relação durável, mas essa procura está cada vez mais “realista” e mais progressiva.

No Brasil, a persistência da instituição social “namoro”, porquanto implica um vínculo reconhecido e enquadrado pela rede de relações, pode tornar o rompimento da mulher com seu primeiro namorado um processo interminável, difícil de ser aceito, custoso do ponto de vista pessoal, tal qual um divórcio. Assim, Denise conta que seu namorado insistiu para que eles se encontrassem na casa de seus pais e que ele entrou na sua família: *“Quando eu terminei com ele, minha irmã virou pra mim: ‘É meu único cunhado. Você pode namorar qualquer outro, mas ele é meu cunhado’. Ele entrou pra minha família. Fiquei com um monte de cara. E quando eu comecei a namorar o José [o atual marido] ele ainda freqüentava a minha casa”*. A mesma dificuldade foi apontada por Tânia em relação a seu primeiro namorado, o que a incentivou a mudar de comportamento em relação aos outros namorados: *“Eu fiquei meio marcada com aquele meu primeiro namorado. A gente namorou dois anos e meio, eu conheci a família, conheci tudo. Depois terminei com ele e senti falta também da família, dos irmãos, das sobrinhas, não sei o quê. Aí eu falei assim: ‘Ah, de agora em diante não quero saber da família de namorado nenhum. Se tiver que namorar, vai ser só a pessoa, não vou mais na casa. Se tiver que terminar, vou sentir falta só da pessoa, não vou sentir falta mais de familiar nenhum”*. O rompimento com o primeiro namorado pode incitar as mulheres a levar uma vida amorosa mais singularizada, evitando namorar em casa e ser íntima da família do parceiro. Essa primeira ruptura indica, assim como na França, a passagem a uma apropriação mais pessoal, por parte das mulheres, de sua vida amorosa.

É rompendo com o mito do “homem de sua vida” que as mulheres saem do conto de fadas ou da tradição para entrar em uma história de amor ativa, não escrita previamente. E é assim que retrospectivamente o indivíduo amado é rebatizado como “primeiro amor”, ou mesmo “primeiro homem da vida”, o que indica que houve outros; a relação vivida com ele passa à condição de “experiência”. No Brasil, a decisão de renunciar ao “homem de sua vida” inscreve-se em um contexto social que não inclui apenas a mulher e seu parceiro, mas um conjunto de relações. Na França, já há algumas décadas, é uma decisão individual.

Primeiras parceiras e construção de si entre os homens

Para os homens, desde a adolescência, iniciação sexual, vida sentimental e formação de um casal são considerados fenômenos distintos, não se desenrolando com o mesmo calendário. Contrariamente à maioria das mulheres, os homens nunca imaginaram a entrada na vida sexual como um desfecho. Querer formar uma relação durável e encontrar uma mulher com esse objetivo são aspirações que aparecem ao fim de um amadurecimento social. Quando um

homem fala da “mulher da sua vida”, significa que a juventude já passou e que ele quer “tomar juízo”³⁵. A literatura antropológica brasileira assinala recorrentemente o caráter de aquisição da identidade masculina; a juventude é o momento da construção da masculinidade³⁶.

A passagem para a sexualidade adulta, que não se limita à primeira “transa”, é umas das transições complexas para o homem. A primeira relação tem um caráter de prova, de experiência aventureira e arriscada. Os discursos masculinos são centrados sobre o indivíduo, sua satisfação ou suas dúvidas sobre si mesmo; a parceira não é o maior foco de interesse. As primeiras relações são uma experiência da qual o sujeito masculino deve sair fortalecido. Marc, que pertence a um meio abastado, depois de uma experiência nas férias em que não conseguiu levar uma relação sexual ao fim, consegue, de volta a Paris, uma experiência mais satisfatória com uma jovem, que vai durar aproximadamente dois meses: *“Era muito ritualizado. Cada vez que eu a via, sabia que era para transar. Digamos que eu tivesse adquirido confiança suficiente em mim e que minha relação com o corpo feminino estivesse muito mais segura. Eu adorava transar, porque eu provava minha força, meu potencial”*. Convidado a precisar a natureza da relação que estabelecia com sua namorada, Marc aponta um grande descompasso entre as expectativas de um e de outro: *“Ela era gentil comigo, ela me escutava, conversava comigo. Era muito carinhosa, botava a cabeça em mim assim. Em um determinado momento isso começou a me deixar pouco à vontade... Eu teria preferido que ela estivesse como eu... Eu achava que ela estava mais apaixonada do que eu. Das mulheres, eu me interessava em ser colega. A idéia de casal, para mim, era uma coisa que não funcionava muito”*. Esse entrevistado ficava desconcertado com a demanda de relação afetiva de sua namorada, sua expectativa de um namoro oficial, significando convites e saídas em comum. O relacionamento se interrompe em razão da diferença de concepção da natureza do vínculo: um vive sua iniciação sexual quando o outro aspira a uma relação total.

Uma outra manifestação da clivagem interna da iniciação amorosa masculina, que separa estritamente aprendizagem sexual, aspirações sentimentais e desejo de formar um casal, é a tendência dos homens, não apenas das camadas populares, de transpor essa clivagem para a população feminina, classificando as mulheres segundo os usos que pudessem ter delas. As categorias de classificação são mutuamente excludentes. Desta forma, um morador de favela do Rio, Mário, distingue as mulheres fáceis (“meninas de farra”) das mulheres sérias, ditas também de “família”: as primeiras perderam a honra por não serem mais virgens e com quem os homens podem ter relações sexuais sem compromisso; as últimas podem e devem namorar oficialmente e eventualmente casar. Nesse contexto moral é crucial uma mulher não perder sua

³⁵ Cf. Bozon, 1990 <??>

³⁶ Parker, op. cit.; Leal, Ondina. e Boff, Adriana “Insultos, queixas, sedução e sexualidade. Fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional”. In: Leal, Ondina (org.). *Corpo, sexualidade e reprodução*. Porto Alegre: Nupacs, 1995, pp. 89-111; Heilborn, Maria Luiza. “A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas”. *Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 6(2), 1998, pp. 394-405.

reputação³⁷. Nas camadas populares francesas, o mesmo tipo de classificação é produzido pelos homens³⁸. No depoimento de Sébastien encontramos uma distinção bastante “instrumental” entre dois tipos de mulheres: aquelas com quem é preciso “ser romântico”, isto é, “conversar e fazer carinho” e aquelas com quem se pode “ir sem rodeios” (“trepar imediatamente”).

Essas dicotomias nas práticas de sujeitos de camadas populares têm sua equivalência nos meios sociais mais elevados. Denise, uma brasileira, ficou indignada com o fato de seu namorado, com quem estava há muitos anos e não mantinha relações sexuais, ter transado com uma outra mulher; não era o fato de transar que colocava o problema (ela sabia que não era a primeira vez), mas o fato dela conhecer esta mulher. Para os homens, existem duas categorias de mulher: as que é preciso namorar, pacientemente, e aquelas com as quais é possível transar. Esse duplo padrão moral é reservado ao gênero masculino. Entre os entrevistados franceses de um meio mais abastado há uma tendência a distinguir as mulheres ou as jovens qualificadas como “românticas” de outras que não são designadas por um termo único, mulheres que “já viveram bastante”, que têm “muita experiência”, ou, em um grupo de estudantes, “*a menina que namora todo mundo*” (Patrice). No Brasil, há uma distinção essencial entre as mulheres com as quais é possível casar e aquelas com quem só é possível ter relações sexuais; na França, entre aquelas com quem é preciso ter uma relação sentimental (sem referência necessária ao casamento) e as com quem se pode limitar a sexo. A característica essencial dessas categorizações masculinas é que elas não têm equivalente entre as mulheres, que não classificam os homens segundo seu comportamento sexual: essa dissimetria provém do fato de as mulheres não fazerem uso tão diferenciado dos homens em matéria amorosa, em razão de sua representação mais global do amor e do fato de classificarem os homens sobretudo em termos de papel social.

Contudo, o desejo de fazer coincidir a experiência sentimental e a experiência sexual também existe entre os homens. Pode se tratar de um desejo presente desde o início da vida amorosa. Na França e no Brasil uma minoria de homens procura ter sua primeira experiência sexual no contexto de uma relação sentimental ou de uma relação estável (namoro). Em geral, a aspiração de encontrar a “mulher da sua vida” é mais tardia; o desejo de unir sexualidade, sentimento e parceria origina-se de uma vontade de estabilização pessoal que se forja e se reforça progressivamente durante a juventude. É o caso de David (27 anos, brasileiro, professor de segundo grau), que após uma relação de três anos durante a adolescência (“*na qual não se entregava totalmente*”) e várias relações breves na universidade torna-se professor de segundo grau aos 23 anos e começa a aspirar a uma relação durável: ele decide namorar

³⁷ Cf. Heilborn, “A primeira vez nunca se esquece...”, loc. cit.

³⁸ Para exemplos recentes, ver Calvez, Maurice. *La sélection culturelle des risques du sida*. Paris: Rapport ANRS, 1992; Coppel, Anne; Boullenger, Nelie e Bouhnik, Patricia. *Les réseaux d'échange sexuels et de circulation de l'information en matière de sexualité chez les jeunes de quartiers à risque*. Paris: Rapport ANRS, 1993.

uma de suas alunas mais velhas, mas procura conhecer imediatamente seus pais para mostrar a seriedade de suas intenções. João Manoel (28 anos) encontrou, em torno dos 20 anos, quando de bailes e noitadas, muitas mulheres fáceis, com as quais tinha contatos corporais rápidos. Mas afirma ter sempre aspirado a sentimentos e relações mais profundas e que essas aspirações eram expressas na escrita: ele escrevia poemas de amor a mulheres imaginárias. Ele começou o namoro com a parceira atual aos 24 anos. O anseio masculino pela estabilização amorosa se exprime sob a forma de um desejo de romper, em um dado momento, com a vida e as experiências anteriores ou com o grupo dos pares. É uma verdadeira conversão que pode ocorrer na juventude.

As formas de contato entre homens e mulheres

Entrar em contato com parceiros do outro sexo no momento das primeiras experiências amorosas faz ressaltar as distâncias que separam homens e mulheres. No Brasil, essas distâncias continuam percebidas como oposição entre dois universos. Na França, trata-se de conceber tal dificuldade de contato como oriunda da relação entre os indivíduos, dificuldade redobrada pela diferença de sexo.

Um dos entrevistados brasileiros, João Manoel, lembra-se da impressão que tinha na adolescência de que as mulheres pertenciam a um "outro mundo": *"Eu tinha altas barreiras, acho que tinha medo de mulher, eu não conseguia chegar. Medo de conversar, de entrar em contato com esse outro mundo que eu desconhecia... Praticamente meu mundo era só os meus colegas. A gente só ficava jogando bola, aquele papo de homem. E as mulheres a gente desprezava, assim como elas desprezavam a gente"*. Nesse contexto de separação absoluta entre os sexos, a aproximação amorosa, necessária para tornar-se homem, é concebida como uma operação de guerra, que segue certas regras. O ataque aparenta ser uma incursão no território inimigo, na qual o álcool parece transmitir segurança. Os conselhos dos pares de João Manoel indicam os passos: *"Meus amigos falavam: 'Olha, você tem que chegar na mulher, ela vai te dar um sorriso, aí você fala umas palavras doces'. Eu não conseguia falar isso pra elas... primeiro porque eu não sentia nada por elas. Eu queria alguma coisa mais poderosa, um sentimento maior"*. A cultura de João é de rua; nela as mulheres são totalmente ausentes, de modo que o contato verbal é o mais temido.

As mulheres de camadas médias, que têm suas primeiras experiências amorosas no contexto seguro do namoro, experimentam um sentimento de estranheza em relação à condutas dos parceiros. Tânia queixa-se do machismo de seu primeiro namorado, enquanto não tinham tido relações sexuais: ela se chocava com sua vontade permanente de controlar seus passos e impedi-la de ver seus amigos. Ele a obrigava a acompanhá-lo aos jogos de futebol nos fins de

semana, assim como aos campeonatos de judô dos quais participava. Denise aponta, da mesma forma, um controle cerrado de seu namorado, que no entanto se encontrava com outras mulheres. Na linguagem das mulheres cariocas, os machistas são os homens que querem controlar as mulheres, escapando, eles mesmos, de qualquer controle. Às vezes os parisienses descrevem as mulheres como uma caça. Mas esses comportamentos não são generalizados: os homens franceses não têm o sentimento de uma exterioridade em relação ao mundo das mulheres. Quando apontam uma distância referem-se sobretudo a características individuais (diferença de idade, afastamento geográfico, diferença cultural). Por sua vez, as mulheres tendem a psicologizar e a individualizar as dificuldades encontradas com os parceiros, mais do que atribuí-las à natureza masculina.

O contato entre homens e mulheres pode seguir vários caminhos, percorrendo diferentes etapas. Na aproximação corporal as palavras contam pouco: troca de olhares e sorrisos e depois a aproximação. O depoimento de João Manoel sobre a primeira relação, aos 17 anos, é um bom exemplo. Logo no início do namoro, durante um ou dois meses, ele teve uma vida sexual intensa e variada, descrita de forma precisa: *“Era só questão sexual mesmo, questão mecânica, física, a gente trocava muito poucas informações. Era só ‘legal, vamos?’, ‘agora, isso’... Aí depois de um certo tempo isso foi se acalmando um pouco, a gente extravasou demais”*. Somente após uma fase intensa ele começou a conversar mais com ela e se aproximar no plano sentimental. É neste momento que ele aprende gestos conjugais como andar de mãos dadas na rua ou abraçá-la. O jovem entrevistado passou por um verdadeiro processo de educação sentimental no contato com a sua namorada. Entretanto, esse caso é excepcional. A opinião geral é que os homens cariocas falam pouco, ainda que sejam ativos sexualmente. Natália declara sobre seu segundo namorado: *“Ele falava pouco e fazia muito. Acho que ele era um cara reprimido. Conversar sobre sexo com ele também foi complicado. A gente praticava muito, mas conversa, não”*. Ela não ousava lhe falar de várias insatisfações que experimentava em seus encontros sexuais. Nélio diz que sua namorada, que ficou grávida dele, o censurava por *“não prestar nenhuma atenção nela”, “não ter nenhum sentimento”*. Esse *leitmotiv* das mulheres brasileiras não tem equivalente na França, onde a aproximação entre os parceiros se faz de maneira marcadamente verbal.

Nas entrevistas parisienses menciona-se freqüentemente que as conversas entre os parceiros tiveram um papel importante no período inicial de relação. Patrice encontrou sua primeira namorada em um longo trajeto a pé em Londres: *“Foi muito bom, e nós nos contamos nossas vidas”*. Eléonore menciona as longas conversas telefônicas que mantinha com seu “amor platônico”; mais tarde ela menciona que o homem com quem viveu quatro anos *“conseguiu seduzi-la com seu discurso, sua forma de falar. Ele não estava me paquerando, estava falando dele, era muito sincero, muito honesto, ele não jogava”*. À aproximação verbal pode-se associar o contato epistolar, que encontra sua razão de ser no fato de que muitas das primeiras histórias de amor na França contemporânea se travam em locais de férias, o que reúne pessoas

afastadas geograficamente. Os encontros em locais de férias acontecem às vezes entre pessoas cujas residências são afastadas. Frédéric, que mora em Paris enquanto sua namorada mora em Toulouse, afirma: *“É uma história que se tornou progressiva através de cartas. No início, quando eu voltei, a gente se escrevia uma vez por semana, depois passou a ser muito mais regular, duas ou três vezes por semana, até praticamente todos os dias. Havia um intercâmbio importante com relação às nossas idéias políticas. No início trocávamos idéias sobre as coisas que se passavam no momento. Durante três meses nos correspondemos assim. E essa correspondência foi se tornando mais e mais insistente sobre amor. Nós nos seduzimos pela escrita. E quando ela chegou de férias sabíamos que aquilo se concretizaria em alguma coisa”*. A aproximação verbal é mais freqüente que a epistolar, mas ambas são formas de aproximação indireta: cada um fala de si, de suas idéias e gostos, antes de falar de amor. A comunicação verbal tem importância na seqüência da história do casal. Inúmeras discussões e conversas são relatadas. As parisienses reclamam menos do que as cariocas de homens que não falam ou com quem é impossível conversar sobre sexo ou sentimentos. Entretanto, os homens assinalam, quando experimentam rupturas no início de sua vida amorosa, uma certa dificuldade de falar com sua parceira, como se falassem apenas quando tudo ia bem.

A aproximação corporal, que pode ser considerada uma comunicação por meio dos corpos, se distingue por seu imediatismo, mas também por sua ambigüidade: é sempre difícil saber se os gestos consumados implicam um compromisso mais durável ou um sentimento. Isso explica o desejo das mulheres de que o contato corporal esteja associado a uma comunicação verbal.

Conclusão

Na iniciação amorosa no Rio de Janeiro, dois traços característicos, que não entram em contradição, são observados: a extroversão dos corpos, no contato, e o peso do controle do grupo (familiar ou de pares). A possibilidade de uma aproximação física direta, utilizando o olhar e o toque, mais do que a mediação pela linguagem, aparece como um elemento distintivo: esta possibilidade é levada ao extremo entre as gerações recentes, no desenvolvimento das relações do tipo “ficar”, que tem como característica não necessitar de nenhuma troca verbal. Quando os cariocas relatam seus namoros “castos”, a riqueza surpreendente das descrições e dos termos empregados sugere uma grande atividade dos corpos nessa fase de constituição do casal: o tipo de gesto e de contato codifica precisamente a progressão da intimidade. Uma vez havendo atividade sexual, os relatos (dos homens e das mulheres) fornecem detalhes concretos, o que contrasta fortemente com o caráter indireto e metafórico da abordagem do sexo nos relatos franceses. Essa maneira de abordar o sexo sem rodeios está diretamente relacionada à importância primordial que os cariocas reconhecem que

ele tem no desenvolvimento e na manutenção de uma relação amorosa; comparativamente, os parisienses lhe concedem uma importância menor.

A expressividade dos corpos não se desenvolve em um universo sem restrições: o olhar e o controle dos outros estão bem presentes, avaliando as condutas conforme os padrões de uma moral relacional pregnante. As relações amorosas apresentam uma organização estruturada: o namoro. O namorado (a namorada) deve ser apresentado(a) ao grupo familiar e de amizade e aprovado por este. A conduta dos namorados é (mais ou menos) diretamente controlada. Em um contexto social em que os papéis de gênero são claramente delimitados, a coação pesa mais sobre as mulheres. Assim, a perda da virgindade continua a ser considerada uma passagem essencial que faz que a mulher mude de *status* social.

No início deste artigo nos perguntávamos, na linha de trabalho de Norbert Elias, sobre as formas particulares dos processos de modernização dos costumes fora da Europa. No pensamento social brasileiro o país foi descrito como uma sociedade “cordial”³⁹. O tipo ideal de “cordialidade”, que se opõe ao da civilidade de Elias, designa um modelo de sociedade no qual as relações pessoais, a proximidade e a autoridade familiar patriarcal funcionam como elementos estruturantes do campo social. Essas análises dirigiam-se a uma sociedade que desapareceu, em razão da urbanização e das novas diferenciações sociais introduzidas. Contudo, o processo de modernização dos costumes foi construído, no Brasil, sob o fundamento de comportamentos herdados dessa organização relacional e hierarquizada da vida social, ao passo que em uma sociedade como a França a instauração da civilidade acompanhava o desenvolvimento da “individualização”⁴⁰. Formula-se aqui a idéia de que os comportamentos observados no Rio de Janeiro em termos amorosos corresponderia a um tipo moderno de cordialidade, e não a uma civilidade européia. Trata-se assim de preservar na análise as diferenças expressivas⁴¹ que opõem dois estilos civilizatórios.

A essa “cordialidade moderna” somam-se o papel e a expressividade do corpo nas relações interpessoais (das quais fazem parte as relações amorosas), que funcionam como um operador de contato. Mais do que uma troca de palavras, a expressividade dos corpos introduz um jogo e um movimento dentro de um sistema social potencialmente rígido. No domínio amoroso, em que a força dos papéis de gênero não facilita o estabelecimento das relações, os contatos corporais, mas também as trocas de olhares e sorrisos, funcionam como uma linguagem prática e sutil, assinalando o estado das relações e operando as aproximações: os atores dominam o sentido relacional de seus atos físicos ou corporais, sem ter necessidade de traduzi-los em palavras. O caráter físico dos primeiros contatos não acelera forçosamente a passagem ao ato sexual, dado que as mulheres controlam estreitamente o ritmo da aproximação. O contexto

³⁹ Freyre, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933; Buarque de Holanda, Sérgio. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

⁴⁰ Elias, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

⁴¹ Souza, Jessé. “Elias, Weber e a singularidade brasileira”. In: Waizbort, Leopoldo (org.). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: Edusp, 1999.

restrito do namoro e o autocontrole das mulheres fazem que a expressividade dos corpos não reflita um panorama desgovernado de império das pulsões.

Na França, em paralelo à atividade sexual e aos contatos corporais, a troca verbal entre cônjuges e namorados é bastante praticada e valorizada socialmente, ao passo que os jovens casais brasileiros raramente relatam longas conversas entre eles. O aumento do componente verbal nas trocas amorosas é um dos resultados do processo de civilização e sinaliza um alto grau de controle das emoções e o avanço da reflexividade. Entretanto, tais características não têm como efeito retardar a passagem ao ato sexual, que se opera rapidamente no curso de um relacionamento na França⁴². Esta sexualização rápida das relações amorosas pode ser interpretada como elemento de uma segunda fase do processo de civilização, marcada pelo afrouxamento dos constrangimentos exteriores (a prescrição da continência sexual), uma vez que os indivíduos incorporaram suficientemente o autocontrole social⁴³.

Nos dois países, o laço particular entre o gênero feminino e a afetividade se exprime nas demandas feitas ao gênero masculino. No Rio de Janeiro, as jovens não rejeitam a corporalidade dos contatos, mas demandam que seja acrescida por palavras e gestos "conjugais", para além da atividade sexual. Em Paris, as jovens solicitam igualmente palavras e gestos de compromisso sentimental. Mediante a demanda por uma expressão de sentimentos e de ternura nos gestos, aos quais alguns homens são sensíveis, elas sinalizam para uma nova etapa civilizatória dos costumes amorosos.

Recebido para publicação em 17 de janeiro de 2001.

Michel Bozon é sociólogo e diretor de pesquisas do Institut National d'Études Démographiques (Paris). Maria Luiza Heilborn é antropóloga e professora do Instituto de Medicina Social da UERJ.

⁴² Bozon, "La nouvelle place de la sexualité...", loc. cit.

⁴³ Kaufmann, op. cit.